

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

TIARLES RICHARDT DA SILVEIRA

**IDENTIDADES EM CRISE:**

*A fragmentação do sujeito contemporâneo nas obras O Exército de um Homem Só, de Moacyr Scliar, e O Terrorista Lírico, de Cristovão Tezza*

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

TIARLES RICHARDT DA SILVEIRA

**IDENTIDADES EM CRISE:**

A fragmentação do sujeito contemporâneo nas obras O Exército de um Homem Só, de Moacyr Scliar, e O Terrorista Lírico, de Cristovão Tezza

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DLIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura” - Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

CURITIBA - PR

2018



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



## TERMO DE APROVAÇÃO

Identidades em Crise: a fragmentação do sujeito contemporâneo nas obras O Exército de um Homem Só, de Moacyr Scliar, e O Terrorista Lírico, de Cristovão Tezza

Por

**TIARLES RICHARDT DA SILVEIRA**

Monografia apresentada às 08:50, do dia 1 de setembro de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

---

MARCELO FERNANDO DE LIMA

UTFPR - Curitiba  
(orientador)

---

Zama Caixeta Nascentes  
UTFPR - Curitiba

---

Maurini de Souza  
UTFPR - Curitiba

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram e incentivaram as minhas escolhas pelos caminhos da vida; e também a minha companheira Caroline, pelos anos de convívio nestes tempos pós-modernos.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima por sua dedicação na orientação deste trabalho.

Aos professores que fizeram parte da minha formação acadêmica.

A todos os colegas de curso que me acompanharam nesta trajetória.

## RESUMO

SILVEIRA, Tiarles Richardt da. Identidades em crise: a fragmentação do sujeito contemporâneo nas obras *O Exército de um Homem Só*, de Moacyr Scliar, e *O Terrorista Lírico*, de Cristovão Tezza. 2018. 28 f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Este trabalho apresenta uma análise das obras *O Exército de um Homem Só*, de Moacyr Scliar, publicada em 1973, e *O Terrorista Lírico*, de Cristovão Tezza, publicada em 1981. Tem por objetivo identificar a fragmentação do sujeito contemporâneo a partir da representação das personagens protagonistas Mayer Guinzburg e Raul Vasquez, nas narrativas de Scliar e Tezza, respectivamente. A análise foi realizada, principalmente, com base nos conceitos propostos por Zygmunt Bauman (2001) sobre a fluidez das relações na chamada Modernidade Líquida, e também do sociólogo Stuart Hall (2006) sobre a pós-modernidade. Por fim, este estudo busca responder à questão: qual a causa para as crises de identidade das personagens Mayer Guinzburg e Raul Vasquez?

**Palavras-chave:** O Exército de um Homem Só. O Terrorista Lírico. Indivíduo Fragmentado. Identidades em Crise.

## ABSTRACT

SILVEIRA, Tiarles Richardt da. Identidades em crise: a fragmentação do sujeito contemporâneo nas obras *O Exército de um Homem Só*, de Moacyr Scliar, e *O Terrorista Lírico*, de Cristovão Tezza. 2018. 28 f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

This paper presents an analysis on the works of Moacyr Scliar and Cristovão Tezza: *O Exército de Um Homem Só* and *O Terrorista Lírico* published in 1973 and 1981 respectively. It aims to identify the fragmentation of the contemporary subject by analyzing the main characters Mayer Guinzburg and Raul Vasquez. Such analysis was essentially carried out based on the concepts of Zygmunt Bauman (2001) on liquid relations in the so-called Liquid Modernity and also on the concepts of Stuart Hall (2006) on post-modernity. At last, this paper aims to answer the question: what is the cause for the identity crises of Mayer Guinzburg and Raul Vasquez?

**Keywords:** O Exército de um Homem Só. O Terrorista Lírico. Fragmented Individual. Identities in Crisis.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	9
2	IDENTIDADES EM CRISE NA CONTEMPORANEIDADE.....	12
2.1	Pós-Modernidade: surgem sujeitos multifacetados .....	12
2.2	A liquidez do homem contemporâneo.....	13
3	ANÁLISE DAS OBRAS .....	14
3.1	O Exército de um Homem Só.....	12
3.2	O Terrorista Lírico.....	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
	REFERÊNCIAS .....	28

## 1 INTRODUÇÃO

A globalização que se iniciou no período pós Segunda Guerra Mundial, alavancada pela ascensão do capitalismo e a veloz e constante evolução dos meios tecnológicos, ocasionou no surgimento de sujeitos caracterizados pela desestabilização identitária e pela impressão de busca contínua de liberdade.

Diante de universos narrativos marcados pela (des)constituição identitária do sujeito, os romances *O Terrorista Lírico*, de Cristovão Tezza, publicado em 1981, e *O Exército de um Homem Só*, de Moacyr Scliar, publicado em 1973, objetos deste estudo, possuem pontos semelhantes em suas narrativas. Ambas as obras têm como personagens principais indivíduos que vivem em conflito identitário, e não se sentem como partes do contexto social em que estão inseridos. Para fugir da realidade, em algumas situações as personagens se veem imersas em devaneios, e idealizam planos de transformação no âmbito social.

Scliar, falecido em 2011, era o filho mais velho de uma família de imigrantes judeus que vieram para Porto Alegre oriundos da Rússia, então União Soviética. Na literatura, recebeu diversas premiações e ocupou a cadeira de número 37 da Academia Brasileira de Letras, sendo que grande parte da sua obra, composta por mais de 80 livros, é influenciada fortemente pelas experiências políticas de esquerda, pela psicanálise e pela cultura judaica. Em *O Exército de um Homem Só* não é diferente. No imaginário de Mayer Guinzburg, personagem que move a trama, animais são considerados companheiros na luta por uma sociedade idealizada, utópica, funcionando como representação de ideais revolucionários e antissistema defendidos pela personagem. Esta estratégia desvela uma marca do estilo do autor, que é o uso de intertextualidades na sua obra – este caso, especificamente, evoca a obra de George Orwell, *A Revolução dos Bichos*, de 1945, onde os animais de uma fazenda, liderados pelos porcos, se revoltam e assumem o controle que antes era dos humanos.

Assim como ocorreu com a família de Scliar, Mayer Guinzburg também é um imigrante judeu russo que, junto de sua família, veio para o Brasil em 1916. É descrito desde jovem como um sujeito de espírito rebelde, causando, inclusive, atritos familiares por não seguir os preceitos do judaísmo e os costumes do contexto social em que estava inserido. Um exemplo é o fato de o pai de Mayer querer vê-lo rabino, além de não concordar com a ideologia esquerdista do filho.

Num jogo entre ficção e realidade, o autor constrói sua narrativa valendo-se de dados históricos, como é o caso da ainda existente colônia judaica Birobidjian, um território que foi destinado para os judeus na Rússia: a personagem principal, Mayer, idealiza uma Nova Birobidjian, sendo que a colônia deveria ser próxima de Porto Alegre, onde vivia, pois lá iniciaria a caminhada por uma nova sociedade. Nos devaneios criados no imaginário da personagem, Nova Birobidjian era uma realidade. Em função disso, tornou-se conhecido no bairro como Capitão Birobidjian, pois ele considerava-se o líder de uma luta revolucionária, composta por homenzinhos criados em seus devaneios. Porém, no plano da realidade, Mayer tinha poucos seguidores: apenas alguns amigos, que ele denominava “companheiros”.

O enredo do livro se desenvolve, na maior parte das situações, no bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Aqui, mais uma vez, pode-se perceber uma inter-relação entre a ficção de Scliar e a realidade: foi nesse mesmo bairro que a família do autor se instalou e onde Scliar viveu parte de sua vida.

Outro aspecto relevante da obra de Scliar é que a mesma é organizada em capítulos que remetem a um determinado ano ou conjunto de anos, os quais são referências explícitas e/ou implícitas a fatos históricos, culturais, políticos e etc. *O Exército de um Homem Só* inicia em 1970, volta para os anos 1928, 1916, 1929, 1930, etc., e finaliza no ano 1970. No transcorrer da trama e ao longo desses anos, a personagem passa por diversas transformações no seu modo de pensar e agir, construindo e desconstruindo identidades muitas vezes contraditórias.

Tezza também é um escritor premiado nacionalmente e com obras traduzidas para dezenas de idiomas. Nasceu no estado de Santa Catarina, porém se considera um curitibano. Ao longo de sua vida passou por diversas andanças pelo país e pelo mundo, com destaque para o final dos anos 70, quando foi para Portugal estudar Letras, mas teve o seu objetivo impedido na ocasião devido à Revolução dos Cravos naquele país. Seus livros abordam constantemente a condição humana, evidenciando em muitos deles a solidão vivida pelas personagens em grandes centros urbanos. O autor simboliza em *O Terrorista Lírico* uma geração jovem que não se reconhecia no mundo herdado. O protagonista, Raul Vasquez, vive continuamente em um dilema intrapessoal e interpessoal; não tinha o prazer em se relacionar com as pessoas do seu convívio, como colegas de trabalho da partição pública e moradores do prédio onde vivia. A personagem via o mundo a partir de uma visão distópica, pois tinha constantemente a sensação de estar preso e imerso em uma sociedade sem esperanças de um

futuro bom, o que o faz idealizar um plano de destruição de tudo por meio de ataques à bomba, arquitetados e postos em prática com dois amigos.

A trama de *O Terrorista Lírico* é organizada em um jogo entre o real e o imaginário, sendo que os capítulos da obra remetem a datas descritas no diário pessoal de Raul Vasquez durante um curto período de sua vida, e capítulos de um projeto de romance. São nesses escritos que a personagem encontra momentos de fuga da realidade e da solidão.

Como se pode perceber a partir do panorama acima exposto, as questões envolvendo identidade, não apenas no plano individual, mas também coletivo, ganham uma dimensão central ao longo das obras. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a fragmentação do sujeito contemporâneo em *O Exército de um Homem Só*, de Moacyr Scliar, e *O Terrorista Lírico*, de Cristovão Tezza, a partir das personagens principais Mayer Guinzburg e Raul Vasquez, respectivamente, e com isso responder à questão: qual a causa para as crises de identidade das personagens Mayer Guinzburg e Raul Vasquez? Para tanto, serão utilizadas como referencial teórico as obras de Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Este estudo é relevante para a compreensão sobre o período pós Segunda Guerra Mundial, que é definido por autores como pós-modernidade e modernidade líquida.

## 2 IDENTIDADES EM CRISE NA CONTEMPORANEIDADE

Com base no proposto acima, neste capítulo serão expostos os conceitos do teórico cultural jamaicano Stuart Hall sobre a pós-modernidade, e do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que utiliza o termo modernidade líquida para definir as transformações sofridas pelo sujeito na sociedade contemporânea.

### 2.1 Pós-Modernidade: surgem sujeitos multifacetados

Segundo Hall (2004), a pós-modernidade é definida como o declínio das chamadas velhas identidades, que por muito tempo estabilizaram o mundo social, e o surgimento das novas identidades, que passaram a fragmentar o indivíduo moderno, visto até então como um sujeito unificado. A pós-modernidade constitui-se, então, como uma sequência da modernidade, sem existir ainda a definição se tal período já está concretizado ou se faz parte de um processo que desencadeará um novo período histórico. Na obra *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, publicada em 2004, o autor distingue três tipos de sujeito ao longo da história: o sujeito do iluminismo, que tinha como base a pessoa humana, dotada de razão, consciência e ação; o sujeito sociológico, que se embasava na complexidade do mundo moderno e na consciência de que esse núcleo interior do sujeito era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, as quais mediavam valores, sentidos e símbolos dos mundos – a cultura; e, por último, o sujeito pós-moderno, que é conceituado como não tendo mais uma identidade fixa ou permanente, tornando-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente.

Nesse viés, o que vemos na obras de Scliar e Tezza é que a representação de Mayer Guinzburg, em *O Exército de Um Homem Só*, e Raul Vasquez, em *O Terrorista Lírico*, demonstram personagens em conflito com o meio social. A desconformidade com o sistema então vigente é um dos principais motivos que fazem Mayer criar os seus devaneios como fuga do plano da realidade. No imaginário da personagem, é idealizado um futuro utópico frente aos padrões da sociedade; são esses estados de devaneio cada vez mais longos e frequentes que fazem com que Mayer seja muitas vezes classificado pelas outras pessoas como louco. No decorrer das narrativas, as personagens analisadas constroem múltiplas identidades, constituindo-se como sujeitos fragmentados, constantemente modificando suas formas de pensar e agir, o que permite que se as interprete como representações do sujeito

contemporâneo, um indivíduo historicamente marcado pela multiplicidade e até, em alguns casos pela volatilidade na percepção de si mesmo, do mundo e suas possibilidades.

## **2.2 A liquidez do homem contemporâneo**

A dinamicidade atingida pelo indivíduo contemporâneo levou Bauman a definir o atual momento histórico como modernidade líquida, sendo que o autor faz uma analogia entre as novas identidades e a principal característica dos líquidos: fluidez e capacidade de adaptação ao ambiente no qual estão inseridos. Esse período surge como uma transformação da modernidade sólida, e decorre da globalização do século XX e da difusão do capitalismo no mundo. Na visão de Bauman (2001), o denominado sujeito líquido passou a ter a sensação de liberdade individual, homens e mulheres passaram a considerar-se mais livres e responsáveis por seus atos. O autor aponta como características principais desse momento a autonomia, a liberdade de escolha, a autoafirmação humana, o direito de ser e permanecer diferente. O derretimento dos sólidos, ou seja, das antigas tradições sociais, uma característica permanente da modernidade líquida, adquiriu um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo. Como consequência, passou a ocorrer a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Conforme Bauman (2001, p. 12):

A tarefa de construir uma ordem nova e melhor para substituir a velha ordem defeituosa não está hoje na agenda – pelo menos não na agenda daquele domínio em que se supõe que a ação política aconteça.

Segundo Bauman (2001), a emancipação do indivíduo perante a sociedade deve ser entendida não simplesmente enquanto direito do indivíduo, mas como a possibilidade de poder agir de acordo com seus pensamentos e desejos, dentro de certos padrões ou realidades existentes. Esse exercício de emancipação está presente na obra de Scliar: o fato de ser integrante de uma família de imigrantes judeus, que segue os preceitos da religião, não foi empecilho para Mayer idealizar e dar andamento a sua colônia coletivista. Ao contrário dos costumes capitalistas dos judeus, criadores desse sistema econômico, Mayer se sentia livre para estruturar e organizar uma colônia com base nos ideais de esquerda, mesmo que a maioria das pessoas ao seu redor não concordassem ou sequer dessem ouvidos ao seu propósito.

### 3 ANÁLISE DAS OBRAS

#### 3.1 O Exército de um Homem Só

Ainda na infância, Mayer passou por desavenças familiares e foi motivo de desgosto para o seu pai quando, em certa ocasião, na hora do jantar, disse para sua mãe que gostaria de comer carne de porco, um hábito condenado pelo judaísmo. Relatada por Avram, irmão mais velho de Mayer, a cena descreve um menino com o desejo de fazer o que bem entendesse, independentemente de dogmas religiosos. Percebe-se no trecho destacado o motivo que levou Mayer a querer comer porco, ao responder para sua mãe: “todo mundo diz ser muito bom”. Fica evidente nesta frase que Mayer não era mais influenciado somente pela sua tradição, a cultura judaica, mas também por outras identidades, que acabaram provocando a fragmentação desse sujeito.

- Porco – disse finalmente Mayer, os olhos fixos no prato.
- O quê? – nossa mãe levantou a cabeça.
- Quero comer costeletas de porco.
- Todo mundo diz ser muito bom.
- Todo mundo diz?
- Todo mundo.
- Porco?... - Porco (OEHS, p.15)

O pai de Mayer, Schil Guinzburg, exemplifica uma visão sociocultural tradicional e contrasta a diferença cultural entre as duas gerações. O pai é caracterizado na obra como um crente fervoroso que sonhou em ser rabino e não conseguiu – ia todos os dias à sinagoga, guardava cuidadosamente o sábado e jejuava várias vezes por ano. “Era para a mulher deste homem que Mayer Guinzburg pedia porco”, conta Avram. (OEHS, p.15). Ao ver as atitudes e os manifestos do filho, Schil chegou a ir, certa vez, ao Aeroporto de Porto Alegre com o intuito de pedir ajuda para o psicanalista Sigmund Freud, considerado o principal especialista na área, e que estava de passagem pela cidade rumo a Buenos Aires. O pai tinha certeza que o filho estava doente, e implorou por ajuda. Porém, Freud sequer parou para ouvir o homem que o seguia relatando os “problemas” do filho.

- E no ano passado, Dr. Freud, ele se meteu no mato com uns outros amigos dele, aquele tal de José Goldman, um esquerdista sem-vergonha, e até moças eles levaram, o senhor vê que pouca vergonha, meninas judias, de boa família – não é uma barbaridade? (OEHS, p.30).

Na situação no aeroporto, o pai de Mayer relata ao psicanalista o envolvimento do filho com jovens que ele não considera boas influências, descrevendo José Goldman, por exemplo, como um esquerdista sem-vergonha, deixando claro a sua visão política oposta à do jovem. A postura rígida do pai de Mayer, nesta passagem, reflete a dificuldade enfrentada por um sujeito que se vê forçado a conviver com referenciais culturais diversos dos seus, e dos quais é impossível evitar a contaminação. Em relação a isso, Bauman afirma que

A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se-á à vontade em presença de estranhos (BAUMAN, 2001, p.123).

As influências culturais sofridas por Mayer, no transcorrer da trama, vão definindo a personagem quanto ao seu modo de pensar a sociedade. O seu lado esquerdista, influenciado pelo contexto político da época, levou Mayer a chamar seus filhos de Spartacus e Rosa de Luxemburgo, embora o nome real fosse Jorge e Raquel, respectivamente. Os apelidos dados por Mayer são referência à Liga dos Espartaquistas, alusão a Spartacus, líder da maior rebelião de escravos da Roma Antiga, e a um grupo esquerdista formado durante a Revolução Alemã, que posteriormente deu origem ao Partido Comunista Alemão. A liga teve Rosa Luxemburgo entre as lideranças, juntamente com Karl Liebknecht. Essas personagens da história mundial são citadas frequentemente no cotidiano de Mayer desde a adolescência. Foram essas referências históricas, entre outras, que serviram de inspiração para Mayer idealizar a sua Nova Birobidjjan. As primeiras ações pela materialização dessa colônia foram postas em prática com a idealização do jornal “A Voz de Birobidjjan”, que tinha a função de relatar os acontecimentos da colônia. Mayer era um seguidor do pensamento marxista, utilizando inclusive ideias de Karl Marx como argumento em uma discussão sobre religião com seu pai. “Não! – gritava Mayer. – A maior riqueza é a posse dos meios de produção, está ouvindo? Estudo, religião! É bem como diz Marx: a religião é o ópio dos povos!” (OEHS, p.18).

Entretanto, Mayer, que desde a adolescência era contrário ao capitalismo, mais tarde começa a demonstrar modificações em sua identidade ideológica. Avram relata que seus pais sempre discutiam por causa de Mayer, pois ele não queria estudar e nem trabalhar, com a alegação de que “...não iria enriquecer nenhum porco capitalista” (OEHS, p.25). A despeito dos seus discursos marxistas, Mayer tem, no entanto, que ceder às necessidades e trabalhar na loja de miudezas do velho Kirschblum, pai do amigo Leib. No ano seguinte, em 1934,

Kirschblum dá a Mayer parte dos lucros na loja de miudezas como presente de casamento com sua companheira de juventude no ideal por Nova Birobidjian, Leia. Passados alguns anos, fica evidente uma metamorfose na identidade da personagem, que começa a revelar uma fragmentação. A melhora no visual do estabelecimento administrado por Mayer fez com que os clientes aparecessem e, conseqüentemente, o dinheiro. Por insistência de Leia, Mayer tornou-se sócio do Círculo Social Israelita, passando a frequentar aulas de maxixe, rumba, tango e conga, marcando assim a passagem de uma identidade antissistema para uma identidade capitalista. Agora, sua única preocupação real era o fiscal do imposto de consumo – foi multado diversas vezes por ele, e aprendeu a enganá-lo. Porém, mesmo que os negócios estivessem avançando, a personagem ainda tinha em mente a sua nova sociedade. Tranquilamente, dizia aos amigos: “são as classes dominantes. Devem ser derrotadas. E quando fizermos, iniciaremos a construção de uma nova sociedade”, (OEHS, p.37). Mayer estava tão envolvido na loja que não tinha consciência que naquele momento ele próprio fazia parte da classe dominante. E, falando sobre capitalismo, Bauman (2001, p. 67) comenta:

Por pelo menos 200 anos foram os administradores das empresas capitalistas que dominaram o mundo – isto é, separaram o factível do implausível, o racional do irracional, o sensato do insano, e de outras formas ainda determinaram e circunscreveram a gama de alternativas dentro das quais confinar a trajetória da vida humana.

Diante dos conflitos ideológicos que se configuram na personalidade de Mayer e diante de um quadro de doença – em 1942, Mayer teve hepatite e ficou durante dias em recuperação na cama –, passou grande parte do tempo pensando em Nova Birobidjian, até que certo dia, livre de toda a fadiga, o conhecido no bairro como Capitão Birobidjian vestiu-se silenciosamente e despediu-se da esposa Leia e de seus filhos. Iniciou, finalmente, a caminhada rumo à nova sociedade, o destino foi o sítio do amigo Marc Friedmann, no Beco do Salso, alguns quilômetros distantes do Bom Fim, local onde foi idealizada na adolescência a Nova Birobidjian. Os devaneios de Mayer, motivados pelo seu ideal, fizeram-no deixar de lado naquele momento sua família e tudo mais que tinha adquirido com a loja. Esse comportamento autônomo de Mayer em relação ao casamento encontra uma explicação no discurso de Zygmunt Bauman. Ao falar sobre a modernidade líquida, o autor afirma que:

se manter-se juntos era uma questão de acordo recíproco e de mútua dependência, o desengajamento é unilateral: um dos lados da configuração adquiriu uma autonomia que talvez sempre tenha desejado secretamente mas que nunca havia manifestado seriamente antes (BAUMAN, 2001, p. 171).

Solitário, ao instalar-se no Beco do Salso, Mayer começa a colocar o seu projeto de uma nova sociedade em prática. Após dar algumas voltas ao redor da casa, abandonada durante anos, a personagem decidiu que viveria em uma barraca instalada no terreno. Na primeira noite, Mayer demonstra sentir saudade de sua família, murmurando antes de adormecer os nomes de Leia, Jorge e Raquel. Porém, sabia que em lutas como a sua não teria como viver sem a solidão. Ao amanhecer, Capitão Birobidjian começa uma atividade febril que seguiria durante os próximos dias. Nessa terra, produziria milho e feijão, mas não venderia, pois não queria submeter os delicados vegetais à lei de oferta e procura. A produção seria somente para o próprio consumo, incorporando-se assim ao eterno ciclo da natureza. Em uma das poucas vezes que saiu de Nova Birobidjian, Mayer levou consigo uma cabra, um porco e uma galinha, mas não os comeria, tratá-los-ia como companheiros na construção da colônia coletivista. O estilo de vida adotado por Mayer nesse momento pode ser entendido como uma retomada a sua origem identitária judaica, mesmo que no seu imaginário não fosse exatamente essa a intenção. Na verdade, a colônia fundada por Mayer funcionava de forma semelhante aos *kibutzim*, colônias israelitas que fizeram parte de um dos maiores movimentos comunais da história, onde se produzia para o consumo coletivo da colônia, e tinham como finalidade a manutenção da origem identitária judaica. Durante muitos anos foram comunidades utópicas, sendo hoje semelhantes às empresas capitalistas, com trabalhadores assalariados. Muitos líderes intelectuais, políticos e militares de Israel passaram por colônias desse tipo. De fato, a atividade pastoril desenvolvida pela personagem pode ser interpretada como uma forma de reevocar um dos costumes da cultura judaica. Na comunidade de Mayer, a companheira cabra tinha como principal função trabalhista produzir leite, um alimento que remete ao passado de Mayer, pois na infância sua mãe o fazia tomar leite de cabra, a contragosto, como forma de prevenção à tuberculose e, na fase adulta, passou a ser a bebida preferida da personagem.

Embora seu plano de vida estivesse em andamento, a forma como Mayer vivia gerou muitos comentários no Bom Fim. Os boatos diziam que Mayer possuía uma grande barba, andava sempre com roupas esfarrapadas e, o pior de tudo, só comia carne de porco. Todos o chamavam de louco. O único que entendia o imaginário de Mayer naquele momento era José Goldman, que defendia e explicava que o amigo "É coerente com suas ideias, mas prefere não se meter em discussões" (OEHS, p. 72). As mulheres, indignadas, pediam aos seus maridos que fizessem algo para tirar o Capitão dessa situação, com o argumento de que "ele está matando a mulher e os filhos!" (OEHS, p. 72). Os amigos organizaram, então, uma comitiva

para conversar com Mayer e tentar tirá-lo do terreno onde construía sua colônia. O apelo da comitiva para convencer Mayer seria tentar resgatar sua tradição judaica, de modo a fazê-lo mudar de ideia; o grupo mostraria o livro de orações de seu pai, o que não surtiu efeito. Dias depois, Mayer foi chamado de judeu em uma discussão com Rosa Luxemburgo, uma nova companheira na colônia, que ele optou por alcunhar com o nome da figura histórica, como fez com sua filha. Sentindo-se indignado, se autodeclarou ateu, e impôs novas leis em Nova Birobidjian: "Está decretado que em Nova Birobidjian não há mais religiões. A religião é o ópio do povo. E não se fala mais neste assunto", (OEHS, p. 77). Ou seja, nesta cena estamos diante de uma tentativa de dissolução de todos os códigos e valores sustentados pela tradição.

Sobre o derretimento dos sólidos e o espírito moderno do sujeito da modernidade, Bauman discorre que:

ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da "mão morta" de sua própria história - e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo). Essa intenção clamava, por sua vez, pela "profanação do sagrado": pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da "tradição" - isto é, o sedimento ou resíduo do passado no presente (BAUMAN, 2001, p. 9).

Mayer mostra-se num processo de crise de identidade cada vez mais amplo e profundo: em um amanhecer, sob uma densa névoa, Mayer desiste da vida em sua Nova Birobidjian, e regressa ao Bom Fim para viver com sua família. Anos mais tarde, Avram conta que o irmão estava acomodado, trabalhando na loja para dar conforto para a esposa e os filhos, e lamenta que os pais não estivessem mais vivos para ver a transformação do irmão: "Morreram logo depois do fim da guerra... De desgosto, acho eu, ao saber que o resto de nossa família, na Europa, tinha sido liquidado num campo de concentração" (OEHS, p. 83). Mayer reassumia, então, a identidade capitalista que ele sempre repudiou, mas desta vez por se conformar com a impossibilidade de mudar o sistema. Mesmo assim, em 1948, a proclamação do Estado de Israel enchia Mayer de emoção, pois lá as colônias coletivas se multiplicavam, e davam início à construção de uma nova sociedade. A retomada da identidade capitalista de Mayer, inicialmente acomodando-se às expectativas do seu grupo sociocultural, pode ser explicada à luz dos conceitos propostos por Bauman (2001) quando, ao falar sobre a busca pela liberdade do indivíduo contemporâneo, o autor questiona

a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas podem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser "objetivamente" satisfatório; que, vivendo na escravidão, se

sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres (BAUMAN, 2001, p. 24).

Anos mais tarde, em 1952, os negócios não estavam mais como antes, e a loja não gerava sequer dinheiro suficiente para Mayer levar sua família para a praia de Capão da Canoa, no litoral gaúcho, para onde costumavam rumar as famílias do Bom Fim em épocas de veraneio. Mayer era obrigado a se contentar com as praias do Guaíba. Querendo mudar a sua situação econômica para melhor, Mayer parte para outro ramo de negócios, desta vez tendo Leib Kirschblum como sócio. Fundaram a construtora Maykir, uma firma do ramo imobiliário que logo se expandiu no mercado de Porto Alegre. A mudança de rumos profissionais da personagem desvela também uma transformação na identidade de Mayer, que agora partia para um empreendimento mais lucrativo. Essa guinada pode ser compreendida com o pensamento de Max Webber, citado por Bauman (2001), quando afirma que para construir seriamente uma nova ordem

era necessário primeiro livrar-se do entulho com que a velha ordem sobrecarregava os construtores. "Derreter os sólidos" significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações "irrelevantes" que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas; ou, como preferiria Thomas Carlyle, dentre os vários laços subjacentes às responsabilidades humanas mútuas, deixar restar somente o "nexo dinheiro" (BAUMAN, 2001, p. 10)

Um outro aspecto relevante no derretimento subjetivo de Mayer, o qual aponta para o derretimento dos seus referenciais religiosos, encontram explicação na afirmação de Bauman (2001) de que o indivíduo contemporâneo possui identidades inconstantes e mutáveis, como acontece com a personagem. Na sua nova fase empreendedora, Mayer começa a reconfigurar a sua visão ideológica sobre a religião judaica. A rebeldia aos princípios religiosos agora dão lugar a uma reapropriação de símbolos da sua religião: passou a utilizar no seu empreendimento imobiliário o nome de profetas do judaísmo para denominar os edifícios que construía, exemplos disso são as séries Profetas Maiores (edifícios Isaías, Ezequiel, Jeremias, etc), Profetas Menores (edifícios Zacarias, Obadiá) e, também, a série Dez Mandamentos. Passados os quatro anos do projeto inicial de expansão da Maykir, os negócios estavam cada vez melhores: Mayer morava com sua família em um grande apartamento na zona nova da Rua Ramiro Barcelos e havia comprado, inclusive, o velho sítio onde a personagem passou longo período vivendo em péssimas condições de moradia, quando dava início à construção de sua Nova Birobidjian. O local tornou-se um clube de funcionários da Maykir. Um outro exemplo da liquidez religiosa de Mayer aparece na obra quando é narrado que, em uma

discussão com Georgia, sua amante, Mayer reclamou que sentia frequentemente dores no peito, e sem perceber disse que iria morrer "Graças a Deus" (OEHS, p. 100). Sabendo que Mayer não seguia os preceitos de religião alguma, Georgia então ri e questiona: "Desde quando acreditas em Deus?" (OEHS, p. 101). Georgia, além de fazer parte dos funcionários da empresa, era também filha do seu amigo de infância José Goldman. Mayer não percebia, mas naquele momento da sua vida estava ainda mais próximo da sua tradição judaica. Lia frequentemente a Torá, a Mishná e a Guemara, livros sagrados da religião judaica, e que foram motivo para muitos atritos com seu pai na adolescência. Agora, a personagem até mesmo "salmodiava suas orações como seu pai fizera – balançando a cabeça para diante e para trás" (OEHS, p. 101). Passado algum tempo, Leia descobre sobre o envolvimento de Mayer com sua funcionária, e pede o divórcio.

Com a separação, Mayer passa a viver sozinho em um edifício inacabado de sua construtora, pois nem sua amante estava mais a seu lado. Desmotivado, acaba novamente mergulhado em devaneios, deixando, muitas vezes, de ir trabalhar, e passa seus dias novamente pensando em Nova Birobidjian. Os negócios não estavam mais como antes, e seu sócio, Leib Kirschblum, suplicava por ajuda.

Em 1967, a Maykir não existia mais. Mayer, agora desempregado, vivia em um apartamento alugado com a ajuda financeira do filho. Este, alegando que queria ver Mayer em uma situação melhor, propôs que o pai fosse morar em uma pensão para pessoas que viviam sozinhas, uma forma mais leve de dizer que Mayer iria para um asilo para idosos. Para surpresa de Mayer, a pensão funcionava justamente no sítio do Beco do Salso, agora propriedade de Sofia Kirschblum, prima de Leib. No local, Mayer levava uma vida tranquila no plano da realidade, sem muitas obrigações a cumprir. Entretanto, continuava com a sensação de estar preso em um sistema perverso e, assim como ocorreu em outros momentos de sua vida, voltavam os devaneios, motivados pelo seu desejo de sentir-se livre

### **3.2 O Terrorista Lírico**

A personagem Raul Vasquez, diferente de Mayer Guinzburg – que tinha um ideal de construir uma sociedade coletivista utópica – só queria a destruição total de tudo, um fim para vingar a sua história que acreditava ter sido roubada. As múltiplas facetas de Raul Vasquez durante a narrativa mostram muitas vezes um sujeito confuso e sem perspectiva de futuro para si e para o mundo em que vive. É neste cenário que a personagem recorre à sua identidade de escritor para idealizar um livro, baseado em tudo o que deu e não certo em sua vida, com o

objetivo de deixar um legado de ensinamentos à humanidade. Através dos capítulos dessa produção, a personagem conta fatos do seu cotidiano, que muitas vezes beiram à fantasia, e dialoga cheio de dúvidas e incertezas com o leitor. Concomitante ao seu livro, Raul também narra o seu dia a dia em um diário que mantém escondido em uma gaveta. Na maioria das vezes as histórias narradas nos seus escritos se entrelaçam. Logo nas primeiras partes do diário, deixa claro que a produção do seu livro pode ser considerada uma conquista, pois nele pode traduzir o seu profundo pensamento em palavras, que têm a capacidade de transformar os seus leitores. “Percebo, pela primeira vez, que tenho um grande poder sobre o mundo. É preciso cuidado, é claro. Com estas páginas, modifico a vida e as pessoas: e, no entanto, não será mais que a simples verdade. O mundo que se cuide: não gosto dele” (TL, p. 11).

A insatisfação de Raul com o mundo e o seu isolamento social evidencia em *O Terrorista Lírico* uma personagem com características pós-modernas. No primeiro capítulo do livro de Raul, a personagem se autodefine como uma pessoa que vive só, praticamente sem amigos, e que a todo instante está imerso em milhões de pensamentos sobre o mundo. Na narrativa de Tezza, são várias as situações em que a personagem evita o contato direto com os outros, como ocorre no restaurante macrobiótico que frequentava. “De início, me irritaram as mesas comuns: socializaram as refeições. É claro que não gostei; gosto de ser dono do meu espaço, da minha mesa, do meu prato, principalmente num momento tão íntimo, o de se alimentar” (TL, p. 22), escreveu Raul em seu diário. Ao falar sobre a solidão dos sujeitos líquidos, Bauman afirma que

A incerteza do presente é uma poderosa força individualizadora. Ela divide em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a ideia de "interesse comum" fica cada vez mais nebulosa e perde todo valor prático. Os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. (BAUMAN, 2001, p. 170)

A vida de Raul Vasquez dá uma guinada quando ele conhece no elevador a sua vizinha de alguns andares acima no prédio, Clara. De início, Raul não se sente à vontade na presença da moça, “Não sei por que, se pela timidez, se pelo olhar, ela me perturba” (TL, p. 12). Era justamente pelo sofrimento de uma subida a dois que Raul evitava o elevador. Porém, alguns minutos após obter uma primeira impressão sobre a jovem, Raul resolve ser gentil, e talvez assim mudar a sua imagem de solteirão rabugento, abrupto, incapaz de uma delicadeza para com os vizinhos, e percebe que no fim das contas a moça lhe agrada. De repente, o elevador trava e Clara lhe abraça. Inesperadamente, a moça dá um beijo em Raul, e assim que a porta

abre, sai correndo sem olhar para trás. Em seu diário, Raul conta que a partir desse acontecimento não conseguiu fazer mais nada, senão pensar no caso. A necessidade antiga da personagem de estar sozinho agora dava lugar ao desejo por uma mulher. “Ainda ontem descemos juntos novamente, mas havia mais cinco passageiros e ela sequer me olhou. Penso e mais penso e não entendo. Contudo, há um sentido. Falta-me perspicácia, tenho muito a aprender” (TL – p. 13).

Conhecer Clara transformou a vida de Raul Vasquez. O pensamento na jovem do elevador interferiu, inclusive, o andamento das suas obrigações na repartição pública em que trabalha. “O caso tem me perturbado tanto que hoje à tarde refiz cinco vezes uma petição e mesmo assim ficou cheia de erros. Como era de se esperar, o patrão me chamou, pessoalmente, com ar severo” (TL, p. 14). Raul reclamara na petição ao superintendente que havia muitos erros ortográficos, o que gerou o descontentamento do seu chefe, que logo lhe ofereceu férias atrasadas que tinha direito.

Empalideci. A coisa tomou um rumo inesperado. Não havia dúvida, com o entusiasmo do meu diário andei falando demais. Querem se livrar de mim. Prometi melhorar, recusei o ardil das férias. Amanhã eles vão ver do que sou capaz, quando quero. Uma coisa é certa: preciso tomar cuidado em dobro. É muito cedo para colocar as cartas na mesa. (TL, p. 14)

Depois de alguns dias sem ver a garota novamente, Raul pediu informações ao porteiro, e descobriu que ela morava sozinha no apartamento 1917. “O ano da revolução russa, pensei comigo” (TL, p. 14). Neste trecho da obra de Tezza percebe-se uma clara referencia a um fato histórico, no caso, a Revolução Russa, uma estratégia também utilizada por Scliar em *O Exército de um Homem Só*. No caso de *O Terrorista Lírico*, é possível a interpretação que a garota surgiu na vida de Raul para causar uma revolução pessoal na personagem.

Raul então foi até o apartamento de Clara para ver se a encontrava, mas em frente à porta se deparou com a zeladora do prédio, que o informou que a moça estava viajando, mas que ele poderia entrar no apartamento se quisesse, pois inesperadamente Clara havia dado a recomendação à senhora. O protagonista, um pouco sem jeito, aceita as chaves e entra no apartamento.

Antes de começar uma investigação mais rigorosa, larguei-me numa poltrona, exausto. Tinha a perfeita consciência de ser um homem conduzido pelos acontecimentos, uma vítima inocente das circunstâncias. Não senti piedade, mas irritação. Pois bem: inverteria o processo. Porque eu devo fazer, senão a história, pelo menos a minha história. E gostaria que Clara chegasse naquele momento. Não

sairia correndo nem pediria perdão. Diria tudo o que nós sabíamos um do outro, de nossa vida, da vida. (TL, p. 15)

Sentado na poltrona no apartamento de Clara, Raul adormeceu. Ao acordar, foi ao quarto da moça bisbilhotar os seus pertences, e no meio das roupas da penteadeira encontrou um envelope destinado à jovem. Em uma prateleira ao lado estava a carta que dizia: “Clara, encontro você em frente ao Correio da Pedro II, dia 18, 9 da manhã. Um beijo” (TL, p. 16). A obsessão em ver novamente a garota fez com que Raul mergulhasse em um poço de paranoias a partir daquela carta. Imaginou inúmeras situações que poderiam estar acontecendo, até que chegou à conclusão que a jovem estava precisando de ajuda, e somente ele poderia salvá-la. “Quanta vida!! É a isto, a este perigo, a este fogo desconhecido me comendo de horror, ódio, pânico – a isto chamo vida! (Outra boa definição: Vida – capacidade de sofrer.)” (TL, p. 17), escreveu Raul em seu diário.

Na data do encontro marcado na carta, Raul foi ao local com a esperança de encontrar Clara, mas a moça não apareceu. Em seu diário, conta que “Olhava o relógio. 9:23 9:23 9:23. Ela não vem. Cheguei tarde. Não percebi a tempo seu aviso” (TL, p. 19). Voltou pelo caminho por onde viera com uma certeza: “Haviam lhe roubado a vida. Então parou, espantado com outra conquista. Chegou a sorrir, a suspirar de alívio: agora estava livre. Agora estava pronto para tirar de si a história grandiosa que não lhe haviam permitido viver” (TL, p. 19).

Ainda sem ter notícias sobre Clara, dias após a decepção do encontro, conhece no restaurante macrobiótico um rapaz, Marcos. Um homem que, segundo o próprio Raul, beirava os trinta anos, e se dizia estudante. Na visão de Raul, Marcos aparentemente também não se sentia confortável naquele ambiente, o que favoreceu a aproximação entre os dois. É com Marcos que Raul colocaria em prática no futuro o seu plano de destruir tudo. A falta de Clara mexeu tanto com Raul que na mesma semana quase pediu novamente as chaves à zeladora para conferir se a moça tinha voltado secretamente. Em seu diário, disse que não se acostumava mais com a solidão, “o diário é insuficiente. A vontade de companhia nos acovarda, deixa-nos humildes, miseráveis, infelizes. Bosta! Cheguei a esticar conversas inúteis com Marcos apenas para que ele não se fosse, para não ficar só. Bosta! Bosta!” (TL, p. 24). O comportamento contraditório de Raul Vasquez, que da necessidade de viver sozinho agora arrumava pretextos para manter um diálogo com Marcos, pode ser entendido na passagem de Hall, que afirma:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades,

algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p. 09).

Em um domingo, Raul e Marcos saíram a andar pelas ruas, sem direção nem objetivo, após o almoço no restaurante de sempre. A cidade estava animada com uma importante partida de futebol que acontecia. "Até o presidente da República veio assistir. Bandeiras coloridas, um caldeirão de carros buzinando, camelôs, discussões em voz alta, brigas em cada esquina" (TL, p. 26), conta Raul. Durante o passeio os dois refletiam e conversavam sobre a influência do futebol na vida das pessoas, até que de repente um acontecimento fatal marca ainda mais a vida confusa e sem rumos de Raul.

Num segundo, vejo a figura no céu, pernas e braços abertos. Do último andar de um prédio alguém se jogou, não para o chão, mas para o alto, como uma última tentativa de escapar desta força. Era um pássaro, de longe sem qualquer agonia, apenas um pássaro. Subiu mais alto que o prédio, fez a curva com requintes de acrobacia, brilhou no sol e veio súbito abaixo. Que grito, meu Deus! (TL, p. 27)

Na mesma noite, Raul viu na televisão que a suicida daquela tarde era Clara. Ficou desolado com a notícia. No momento, se viu impotente contra o quadro de depressão, se sentindo culpado pela morte de sua amada. Lembrava do beijo no elevador, e lamentava não ter percebido em tempo os avisos da jovem. No trabalho, inventou que havia morrido um parente, pois seus colegas da repartição perceberam a tristeza do protagonista. A obsessão pela garota evidencia o drama pessoal de Raul em viver só, pois considerava Clara o seu último fio de esperança na vida. A partir da morte da jovem, Raul se convence ainda mais no seu ideal de destruir o mundo.

Viver sem Clara é difícil, enterra definitivamente todas as possibilidades. Por outro lado – doloroso dizer, mas é verdade – sua morte como que esclarece tudo, deixa-me limpo, livre para a obra. Não há mais sentimentos para atrapalhar, o mundo já deu absolutamente tudo que eu necessitava. Daqui para a frente, eu dou as cartas. (TL, p. 29)

A confusão mental que sofre a personagem Raul Vasquez durante a narrativa pode ser entendida como uma das características do sujeito multifacetado da contemporaneidade. A chamada crise de identidade acima exposta está à luz do pensamento de David Harvey (1992), que sobre a passagem da modernidade à pós-modernidade, na obra *A Condição Pós-Moderna*, afirma que

(...) as personagens pós-modernas com frequência aparecem confusas acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir em relação a ele. A própria redução do problema da perspectiva à autobiografia, segundo uma personagem de Borges, é entrar no labirinto: “Quem era eu? O eu de hoje estupefato; o de ontem esquecido, o de amanhã, imprevisível” os pontos de interrogação dizem tudo (HARVEY, 1992, p. 2).

Em sua fase inicial, o plano de Raul e Marcos consistia na destruição dos principais prédios públicos da cidade, sem afetar diretamente as pessoas. É durante a fase inicial do projeto que entra na história Tânia, uma amiga apresentada a Raul por Marcos. Assim como ocorreu na cena do elevador, Raul não se sente agradável na presença da moça naquele momento, principalmente por não ter confiança nela quanto ao plano que está sendo colocado em prática. Entretanto, com o passar dos dias Tânia desperta em Raul sentimentos antigos. “Tão pouco tempo e Clara se confunde no rosto dela – absurdo! Fico olhando horas a foto três por quatro, para salvaguardar minha querida finada. Mas falava dos sentimentos: pois é, Tânia me deixa sentimental” (TL, p. 42). Raul tenta não manter laços afetivos com a moça, mas o desejo sexual fala mais alto, e em certa noite em que os dois estavam sozinhos transam amorosamente. Ao falar sobre as relações amorosas na contemporaneidade, Bauman afirma que

A sexualidade é vista pelo homem contemporâneo como um ideal de liberdade conquistado; os sujeitos temem prender-se à alguém pelo medo de perderem sua liberdade e desejam vivenciar todas as experiências que possíveis, portanto não há justificativa que os prendam a um único amor duradouro: “(...)se a primeira revolução relacionava a sexualidade com a confissão e preservação das obrigações, a segunda transferiu-a para o reino da coleção de experiências”(BAUMAN, 2004, p. 184).

No final da narrativa, a cidade é devastada pela implosão simultânea de diversos prédios públicos. Raul via ao seu redor uma realidade distópica e caótica. No plano coletivo, tudo parecia estar perdido, mas aquele momento marcava o início de uma nova história para si. Entre as inúmeras identidades assumidas pela personagem no transcorrer da trama, a de solteirão que se sentia na necessidade de estar sozinho agora dava lugar a identidade de um homem feliz ao lado de uma mulher, Tânia. O desfecho da história se dá com o casal partindo em direção ao rio. Simbolicamente, esta passagem remete a um novo nascimento para Raul, pois a água foi onde tudo começou para os primeiros seres vivos, e também para os seres humanos, presente no líquido amniótico do útero.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se na construção de *O Exército de um Homem Só* a presença da questão migratória judaica como pano de fundo da narrativa. Assim como fez em outras obras, Moacyr Scliar transpôs na obra analisada um pouco de sua vivência como integrante de uma família de imigrantes judeus russos. A representação da personagem principal, Mayer Guinzburg, evoca o processo pelo qual muitos judeus passaram ao longo da história. A luta imaginária por uma emancipação da personagem muito tem a ver com o sentimento de libertação do povo judeu, que caracteriza-se como um povo de muitos territórios, e durante muito tempo, também, sem uma nação própria, visto que o Estado de Israel só foi proclamado em 1948. Para se libertar de uma sociedade à qual não se sentia pertencente, Mayer então idealiza sua Nova Birobidjian.

Assim como Mayer Guinzburg, que saiu da longínqua Rússia e veio para o Brasil junto de sua família no início do século XX, muitas outras famílias judaicas também atravessaram o Atlântico e, da Europa, rumaram para o Novo Mundo, a fim de construir suas vidas longe das perseguições que durante muitos anos fizeram o sofrimento desse povo – a Inquisição, na Península Ibérica; os *Pogroms*, no leste europeu e, mais tarde, o Holocausto. No Brasil, espalhados por muitas cidades, escolheram o bairro Bom Fim, como importante reduto na capital gaúcha.

Como se sabe, o judaísmo não é apenas uma religião, é também uma cultura. Ao passar dos anos, as migrações pelo mundo e a falta de uma nação própria foram fatores que prejudicaram a manutenção de certos costumes da cultura judaica. Em *O Exército de um Homem Só*, por exemplo, Mayer era claramente influenciado por outras identidades com as quais se relacionava. Quando criança, inclusive, tinha o desejo de comer porco, um costume repudiado por sua religião. O contato da cultura judaica de Mayer com outras culturas pode ser compreendido como um processo de (des)constituição identitária, um processo de assimilação cultural, que ocorre quando uma cultura hegemônica força uma cultura minoritária a absorver seus elementos.

O contato de Mayer com outras culturas provocou um derretimento cultural da sua identidade judaica. Para compreender tal processo, no primeiro capítulo deste trabalho foi apresentada uma análise da personagem principal a partir dos conceitos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que estuda e define o período das transformações da sociedade no pós

Segunda Guerra, com a nomenclatura de Modernidade Líquida. A fluidez das relações interpessoais, e a sensação de liberdade atingida pelo indivíduo, afetam esta nova fase na forma de pensar e agir da sociedade contemporânea. A dinamicidade das novas identidades pode ser vista na representação de Mayer no transcorrer de sua vida. Em momentos distintos, a personagem manteve uma espécie de vai e vem nas suas identidades; ora pregava ideais marxistas, ora administrava um grande empreendimento capitalista; ora se voltava contra as religiões, ora praticava a leitura dos livros sagrados judaicos.

A personagem principal de *O Terrorista Lírico*, Raul Vásquez, também representa a fluidez abordada por Bauman. O desinteresse de Raul em manter contato com a sociedade muda quando ele conhece Clara, e também quando faz amizade com seu companheiro de terrorismo, Marcos. Aliás, é Clara quem desperta a esperança de futuro em Raul em deixar de ser um solteirão, plano destruído em poucos dias com o suicídio da moça. Ao conhecer Tânia, apresentada a ele por Marcos, Raul se mantém cauteloso quanto ao fato de um envolvimento amoroso entre os dois, talvez por medo de que desse certo, ou pela sensação de falta de liberdade que um relacionamento poderia ocasionar.

Certamente, muito se tem a explorar criticamente nas duas obras, e por variadas abordagens; portanto, este trabalho de modo algum se propõe como conclusivo. Pelo contrário, apresenta-se como uma provocação a outras e mais aprofundadas investigações. Mas uma coisa pode-se afirmar sem medo de errar: poder acompanhar o imaginário destas fascinantes personagens ao longo de suas experiências de vida é um prazer e uma oportunidade ímpar para o leitor revisitar suas próprias dimensões enquanto sujeito pós-moderno e multifacetado, através dos caminhos e descaminhos de Mayer Guinzburg e Raul Vasquez.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., **2004**.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Edições Loyola, 1992.

SCLIAR, Moacyr. **O exército de um homem só**. Porto Alegre: L&PM, 2014

TEZZA, Cristovão. **O terrorista lírico**. [s.l.]: Tovo Textos, 2014. PDF. Disponível em: <<http://elivros.love/book/baixar-livro-o-terrorista-lirico-cristovao-tezza-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acesso em: 6 abr. 2018.